

De couro e de plástico: relatos de um outro sertão

Analice de Oliveira Martins*

No conto “Romeiros com sacos plásticos”, do livro *Retratos imorais* (2010), de Ronaldo Correia de Brito, é recorrente a imagem do lixo que se espalha em Juazeiro do Norte depois da passagem dos pagadores de promessas feitas ao Santo Padre Cícero. É também incômodo o cenário que parece ferir a singularidade de uma geografia estabelecida outrora e que se desintegra, agora, na mesmice urbana e descaracterizada:

As ovelhas e as cabras cochilam no curral, enquanto o vento levanta o que encontra pelo chão. Antes, os redemoinhos arrastavam palhas, cascas, folhas secas e poeira. Dentro deles morava um diabinho. Agora, se um redemoinho corre deixa um lixo de fazer nojo, todos os plásticos inventados, as bugigangas que os romeiros compram nas viagens e trazem para casa como se quisessem reproduzir as cidades. O mundo cismou de ser igual, em qualquer lugar que se imagine (BRITO, 2010, p.31-32).

Mais do que narrar a história da promessa a ser paga pela salvação da filha da família de do Carmo, o conto dá visibilidade a um sertão (o Juazeiro Santo) “afogado em lixo, mijo e merda” (BRITO, 2010, p. 34). O conjunto da obra de Ronaldo Correia de Brito sustenta sem condescendência as imagens de um sertão constantemente interpelado em sua autenticidade e pureza, construídas, ao longo do século XX, por camadas de discursos essencialistas. Trata-se de um sertão agônico, cujas fronteiras — não apenas físicas — são tensionadas constantemente.

A devoção ritualística convive com a imundície dos entulhos plásticos que dão conta de um mundo descartável, transitório, simulacral em que milhões de fotografias tentam reter um quadro único:

São milhões de fotografias, cliques de máquinas tentando registrar o momento que logo será outro, num tempo fluindo sem controle dos romeiros. Eles chegam e partem levando fitinhas, imagens, terços, rosários, escapulários, flores, papéis e mais plásticos, sacos que entulharão terreiros e calçadas, dando trabalho ao vento em levantá-los como se fossem pipas.

* Doutora em Estudos de Literatura e professora do Instituto Federal Fluminense (IFF) e da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil. E-mail: analice.martins@terra.com.br.

As fotografias reproduzem os mesmos homens, mulheres, crianças e velhos sem ligação aparente com o universo, recortados contra um fundo de pano escuro ou uma parede arruinada em que é possível ver resquícios de escrita, armadores de rede, fios elétricos, tomadas e reproduções de pinturas com os santos do céu. Em todos os rostos romeiros, a mesma expressão de espanto (BRITO, 2010, p. 34).

O plástico e o que ele reproduz em séries idênticas apontam não só outros modos de produção como também de consumo em um mundo globalizado. Produção e descarte velozes, consumo imediato, uma realidade em constante trânsito, onde nada é fixo e permanente, onde o que prevalece é a “impressão de movimento e partida, a pé ou em paus-de-arara, de avião ou navio. Os malotes urgentes insinuam viagem urgente, a qualquer momento, para algum lugar” (BRITO, 2010, p. 33).

É também esse outro rearranjo produtivo que aparece no romance *Galileia* (2008), quando se aponta a perda da função das panelas de barro e cobre e se associam as prensas do quarto do fabrico de queijo a “esqueletos de dinossauros” (BRITO, 2008, p. 69):

Parece que um meteoro caiu sobre a Galileia, queimou os pastos, matou os rebanhos, pôs os currais abaixo. Até os aboios dos vaqueiros são ouvidos apenas nos programas de rádio. Nos fogões de lenha, não se torra café, nem manteiga, nem se produz o sabão da gordura de porcos e bois. Panelas de barro e cobre, cuias, jarros, potes e alguidares perderam a função. Minguaram, substituídos sem saudades por plásticos e acrílicos (BRITO, 2008, p. 69).

É desse Nordeste atravessado entre o arcaico e o moderno, em que o duradouro não encontra mais espaço, mas tampouco o moderno e o tecnológico funcionam a contento, que fala Brito. Um Nordeste de caminhonetas e Toyotas e de celulares sem função. Um espaço cuja geografia talvez não tenha se alterado tanto, mas que não condiz mais com os territórios erguidos simbolicamente. Um sertão que não virou mar, promessa falida, mas que não é mais o mesmo e onde as tradições sobrevivem, muitas vezes, como simulacro:

Não existe mais gado, nem eles querem. Tem a cidade sem emprego [...] Agora os rapazes acham feio vestir roupa de couro, botar um chapéu na cabeça. Estão no direito deles. Mudaram os tempos. Para que serve vestir roupa de couro, botar chapéu na cabeça, se não tem boi pra correr atrás? Serve apenas para dançar xaxado, folclore, o senhor conhece. Roupa de couro perdeu o valor, não tem utilidade. Telefone celular tem utilidade para o senhor, pro seu trabalho. Para mim não tem, porque aqui não pega (BRITO, 2008, p. 38).

A ficção de Ronaldo Correia de Brito constrói para o sertão nordestino outros discursos, outras imagens, fazendo ruir até certo ponto um Nordeste inventado

por intelectuais e escritores do século XX, como sustenta Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em *A invenção do Nordeste e outras artes* (2010):

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência dessa formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço. Essas figuras, signos, temas que são destacados para preencher a imagem da região, impõem-se como verdades pela repetição que lhes dá consistência interna e faz com que tal arquivo de imagens e textos possa ser agenciado e vir a compor discursos que partem de paradigmas teóricos os mais diferenciados. Vamos encontrar as mesmas imagens e os mesmos enunciados sobre o Nordeste em formulações naturalistas, positivistas, culturalistas, marxistas, estruturalistas etc. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 62).

A tese de Albuquerque Júnior consiste em resgatar as enunciações imagético-discursivas que foram engendradas em momentos distintos da história do Brasil, chamando atenção para a década de 20 do século XX que inauguraria um novo modo de olhar, portanto, um novo modo de dizer a região a partir de uma preocupação nacionalista. A ideia de um Nordeste como um estoque, espécie de arquivo de discursos imagens, é esclarecedora para a desconstrução de uma pretensa representação essencialista: “Não se trata de buscar uma verdadeira representação do Nordeste, sua verdadeira interpretação, mas tentar entender a produção desse conceito e como ele funciona, seja dentro ou fora de suas fronteiras” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 59).

Ao assinalar a década de 1920 como marco para a emergência do que chama de “novo regionalismo”, o historiador assinala a modernização do Brasil e de seus modos de produção que acabaram por ditar mudanças também na concepção de espaço, região, território. Para ele, “o espaço perdia cada vez mais sua dimensão natural, geográfica, para se tornar uma dimensão histórica, artificial, construída pelo homem” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p.60).

Some-se a essas novas concepções sobre o espaço o discurso nacionalista-popular que pretende homogeneizar uma ideia de nação que valha para todo o território nacional de forma generalizada e impositiva. Tal discurso aguça obviamente as diferenças, os localismos e as particularidades. Gera-se, então, uma espécie de “guerra de relatos” na tentativa de afirmação identitária, o que, contrariamente ao pretendido, só faz acirrar a fragmentação do país, em discursos regionalistas em busca de visibilidade e aceitação.

Se o antigo regionalismo, fundado nas premissas científicas da segunda metade do século XIX, só conseguiu produzir um discurso regional de base naturalista e pictórica, o novo regionalismo se distinguia, segundo o pesquisador, pela

pretensão de trazer à tona as diversidades regionais para, com seu somatório, produzir um discurso que valesse para todo o território nacional. O modernismo literário do início do século XX também sustenta esse projeto:

A literatura regionalista procura afirmar a brasilidade por meio da diversidade, ou seja, pela manutenção das diferenças peculiares de tipos e personagens; por paisagens sociais e históricas de cada área do país, reduzindo a nação a um simples somatório dessas espacialidades literárias diversas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 65-66).

No importante artigo “Literatura e subdesenvolvimento”, Antonio Candido entende a expressão literária regionalista no Brasil como absolutamente necessária à formação da nação e vê, nas obras da década de 1930, o amadurecimento do que chama de fase da “consciência do subdesenvolvimento”, a qual condena a superficialidade do realismo paisagístico do regionalismo pré-modernista. Supera-se, então, na literatura do alto modernismo, a visão do homem do campo como pitoresco, sentimental e jocoso, sempre encarado de um ponto de vista exótico pelo olhar europeu.

É nessa fase que reside a grande pujança e a contribuição das obras que trouxeram a cor local de forma mais problematizadora e questionadora das contradições sociais do país. No caso do Nordeste que, para Albuquerque Júnior, é “filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre ‘Norte’ e ‘Sul’” (2010, p. 51), os elementos eleitos para engendrar o discurso regional são o cangaço, o messianismo e o coronelismo.

Há que se considerar, no entanto, uma questão bastante complexa: a própria definição do que seja um discurso regional. A respeito de tal questão, o dissenso conceitual favorece a discussão. Apesar de a crítica literária especializada admitir que é regional toda narrativa que se debruça sobre seu lugar e costumes, Lígia Chiappini (1995, p. 155), no artigo “Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”, polemiza:

No limite, toda obra literária seria regionalista, enquanto, com maiores ou menores mediações, de modo mais ou menos explícito ou mascarado, expressa seu momento e lugar. Historicamente, porém, a tendência a que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar particularidades linguísticas.

Para além daquilo que se enuncia e de quem enuncia, ou seja, de que “lugar” se representa esse “interior”, o regionalismo não deve ser percebido como sinal de retrocesso ou atraso cultural. Ao contrário, como afirma a autora, o regionalismo constitui um desafio teórico,

[...] uma vez que defronta o estudioso com questões as mais candentes da crítica e da história literárias, tais como os problemas do valor, da relação entre arte e sociedade; das relações da literatura com as ciências humanas, das literaturas canônicas e não canônicas e das fronteiras movediças entre clãs (CHIAPPINI, 1995, p. 156).

Se, por um lado, tal desafio sempre instigou a crítica literária, por outro, a realidade histórico-cultural brasileira não ficou imune às transformações mundiais impostas pela velocidade e liquidez das informações e das novas formas de produção acentuadas pela globalização. O sertão não virou mar, mas se aproximou das realidades urbanas periféricas em muitos casos e aspectos. Tanto para o bem e para o mal.

Nesse sentido, tratar o regionalismo apenas como um “ismo”, lendo-o, como argumentou Chiappini, “como um movimento, período ou tendência fechada em si mesma num determinado período histórico em que surgiu ou alcançou maior prestígio é empobrecedor” (CHIAPPINI, 1995, p. 157). Para tanto, não se podem dissociar tema e forma, ideologia e estética. Reside aí o risco da estagnação numa postura meramente “arquivista”, ou nas expressões de Albuquerque Júnior, uma espécie de “narrativa antiquário”, “uma colagem de imagens” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 65-67). Quando prevalece essa inflexão, de fato, a literatura regionalista confunde-se, como assinala a pesquisadora, com a pedagogia, a etnologia e o folclore, sem conseguir tirar proveito da posição à margem que sempre ocupou em relação à literatura de inflexão urbana.

O interessante argumento sustentado por Chiappini é de que a reivindicação feita pela crítica literária, no sentido de que a obra transcenda localismos e se eleve do regional ao universal, jamais anulará os localismos, ao contrário, “é seu espaço histórico-geográfico, entranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal” (CHIAPPINI, 1995, p. 157). Apoiada na releitura dos versos marioandradianos, afirma a pesquisadora: “por menor que seja a região, por mais provinciana que seja a vida nela, haverá grandeza, o espaço se alargará no mundo, e o tempo finito na eternidade, porque o beco se transformará no belo e o belo se exprimirá no beco” (CHIAPPINI, 1995, p. 157)

A obra de Ronaldo Correia de Brito dá a dimensão do quanto de “mutável” e “evolutivo” há nessa tendência, ainda que o autor a rechace nos termos do alto modernismo.¹ O sertão e suas reconfigurações, em um mundo interconectado e globalizado, não é apenas paisagem, cenário, etnografia ou folclore, sequer é a pretensão de dizer a nação, mas sobretudo um ponto de vista de enunciação sobre a realidade contemporânea. Realidade que sua ficção escava quase que arqueologicamente, como o personagem Adonias, do romance *Galileia*, diz querer recompor, com sua narrativa, os cacos de uma ânfora.

¹ Em várias entrevistas, o escritor reafirma a sua recusa em ser enquadrado, de forma simplista e por paradigmas ultrapassados, como escritor regionalista.

A argumentação de Chiappini sobre a mutabilidade intrínseca às tendências literárias diante de novas circunstâncias histórico-culturais faz todo o sentido se pensada em relação à obra de Brito quando expressa uma “região para além da geografia” (CHIAPPINI, 1995, p. 157):

O grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear, que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas. Mas a região descrita ou aludida não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa do país. O mundo narrado não se localiza necessariamente em uma determinada região geograficamente reconhecível, supondo muito mais um compromisso entre a referência geográfica e a geografia ficcional. Trata-se, portanto, de negar a visão ingênua da cópia ou reflexo fotográfico da região. Mas, ao mesmo tempo, de reconhecer que, embora ficcional, o espaço regional criado literariamente aponta, como portador de símbolos, para um mundo histórico-social e uma região geográfica existentes. Na obra regionalista, a região existe como regionalidade e está é o resultado da determinação como região ou província de um espaço ao mesmo tempo vivido e subjetivo, a região rural internalizada à ficção, momento estrutural do texto literário, mais do que um espaço exterior a ele (CHIAPPINI, 1995, p.158).

Todas as dez teses sobre o regionalismo, argutamente pontuadas pela autora, convergem para a assertiva de que avaliar a importância de uma obra enquadrada na tendência regionalista de uma época ou período por sua capacidade de transcender os localismos e particularidades que a fundaram temática e estruturalmente não parece ser a solução ideal para o desafio que se impõe à crítica literária. Nem tampouco a exaustiva descrição de caráter inventariante e arquivista dá à obra um lugar de enunciação privilegiado no cenário histórico-literário. Ou seja, as polarizações campo X cidade; localismo X cosmopolitismo, região X nação, e, mais especificamente, regional X universal só interessam na medida em que mais do que matéria e enredo constituem um ponto de vista sobre a realidade, que se estrutura bem mais a partir desses atravessamentos do que de suas exclusões.

A regionalidade, o campo simbólico-cultural e discursivo, é, por conseguinte, mais importante do que a região em si, a geografia em si, os costumes em si: “Se o local e o provincial não são vistos como pura matéria mas como modo de formar, como perspectiva sobre o mundo, a dicotomia entre local e universal se torna falsa” (CHIAPPINI, 1995, p.158).

Tal discussão, do ponto de vista metalinguístico, é também um elemento estruturador do romance *Galileia*, seja porque narra a pretensão de escrita de Adonias, o narrador, a quem se reservou o lugar de guardião da memória familiar; seja porque narra a pretensão de escrita de Adonias; seja porque coloca em pauta, especialmente nos discursos do tio Salomão e do próprio Adonias, concepções sobre o regionalismo, sobre a heráldica sertaneja, sobre genealogias, sobre a tradição folclorista, sobre a representação de um certo Brasil.

Neste ensaio, privilegiarei o segundo sentido, que não deixa de estar entrelaçado ao primeiro. Se em contos anteriores, há, vez ou outra, personagens que teorizam sobre o sertão, como o professor de arqueologia do conto “Cravinho”, em *Galileia*, há entre Salomão e Adonias, tio e sobrinho, uma “guerra de relatos” (CERTEAU; GIRARD, 1983, p. 23), pontos de enunciação distintos que, metaforicamente, representam também discussões travadas no seio da intelectualidade brasileira ao longo do século XX.

Importa sobretudo assinalar que Salomão representa o típico intelectual nordestino de uma oligarquia falida e assolada por novos modos de produção, que deposita no estudo das genealogias uma forma de salvaguardar uma origem para o clã e preservar histórias e objetos que o façam permanecer em um tempo inalterado. Acrescente-se a isso o seu enraizamento, ou melhor, sua fixidez. Aquele que não se deslocou, que não dimensionou seu espaço a partir do próprio deslocamento e que, portanto, não confrontou culturas. Representa também o que Albuquerque Júnior (2011, p. 65) chama de “narrador oligárquico, provinciano”, oriundo das elites nordestinas:

Na produção literária brasileira, o regionalismo já se manifestava, pelo menos, desde as décadas de cinquenta e sessenta do século XIX, quando o realismo paisagístico dá lugar diríamos, a um ‘paisagismo histórico’, em que a simples descrição do Brasil como um conjunto de paisagens atemporais dá lugar a uma visão genealógica das diversas áreas do país e de sua população, mais precisamente de suas ‘elites’. Emerge o narrador oligárquico, provinciano, que se especializa em escrever a partir da história de suas províncias parentelas dominantes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 65).

Salomão era o filho de Raimundo Caetano que ficara na propriedade, como produtor rural, mas que se dedicava, sobretudo, a colecionar a “heráldica sertaneja”. Embora Salomão não fosse um escritor propriamente, suas coleções genealógicas constituíam o que já foi mencionado como uma espécie de “narrativa antiqüário”. Para este tipo de intelectual regionalista,

[...] o regional [...] era um desfilar de elementos culturais raros, pinçados como relíquias em vias de extinção diante do progresso [...] Ele toma elementos do folclore e da cultura popular, notadamente rural, abordando-os com indisfarçável postura de superioridade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 65).

Adonias é o personagem que, como os primos Davi e Ismael, deixou o sertão sem que o sertão nunca lhe tenha deixado propriamente. Médico psiquiatra, mora em Recife, mantendo sempre em relação a Galileia e ao sertão os sentimentos contraditórios de repulsa e atavismo. Vê no tio um intelectual *demodé* e pretensioso: “Julga-se um intérprete da cultura brasileira, porta-voz dos pobres e desvalidos,

sem abrir mão das regalias de um nobre” (BRITO, 2008 p. 161). Na casa do tio, diante de sua biblioteca à qual finge prestar alguma reverência, Adonias reflete:

Não tenho ânimo para ler os títulos das obras. A maioria dos livros só interessa a Salomão. Ele coleciona tudo o que se refere ao mundo sertanejo, folclore, cultura popular. Possui dezenas de tratados genealógicos, a única produção literária de algumas cidades [...] Abro um livro com desleixo, largo-o em cima de uma mesa com desprezo por tudo que Salomão juntou durante a vida (BRITO, 2008, p. 159-160).

Na condição de estrangeiro, tanto na Galileia quanto no Recife, atravessado por esses dois mundos, Adonias refuta as teses do tio mais por provocação do que por convicção:

Quis ofendê-lo, sim. Não perco a oportunidade de magoar tio Salomão. Não perdoo sua insegurança, o orgulho que sente da heráldica sertaneja, dos brasões, ferros de marcar boi, histórias familiares, coisas de pouco valor para mim. Vago numa terra de ninguém, um espaço mal definido entre campo e cidade. Possuo referências do sertão, mas não sobreviveria muito tempo por aqui. Criei-me na cidade, mas também não aprendi a ginga nem o sotaque urbanos. Aqui ou lá me sinto estrangeiro (BRITO, 2008, p. 160).

De forma complexa e urdida, Brito traz, para o primeiro plano da narrativa, algo que, queira ou não, fundamenta seu próprio projeto literário: uma forma de dizer o mundo, entrevisto a partir de “seu sertão”, da regionalidade² que encontrou como forma e resposta aos desafios de seu tempo. A multiplicidade de suas personagens e as situações vivenciadas por elas não são respostas enquadradas. Salomão e Adonias não representam, de forma simplificada e tipificada, intelectuais e escritores de épocas distintas. Não são antípodas. São tênues e movediças as fronteiras entre campo e cidade, localismo e cosmopolitismo, regional e nacional.

Adonias acusa Salomão de ser um regionalista, “coisa fora de moda” (BRITO, 2008, p. 163), ainda que soubesse que o tio sempre fora contrário aos movimentos regionalistas e que achava que

[...] em vez de andarem atrás de particularidades sem importância, deveriam investigar a contribuição econômica, social e linguística que o Nordeste deu para a formação do Brasil, e tudo o que foi produzido nas artes (BRITO, 2008, p. 163-164).

² O que Chiappini concebe como “regionalidade” guarda semelhança conceitual com a noção de territorialidade, discutida pelos teóricos Eliseu Sposito, Claude Raffestin e Milton Santos, ou seja, o conceito de territorialidade vai além do de território e de espaço, pois diz respeito às múltiplas formas de apropriação que o indivíduo pode mobilizar e agenciar no seu cotidiano.

Quando arrefecem seus rancores e desconfianças, Adonias reconhece no tio o esforço empreendido na tentativa de pensar uma espécie de “consciência regional” (BRITO, 2008, p. 162):

[...] reconhecia nele uma erudição solitária, um jeito próprio de ver o mundo e a civilização brasileira. Percebia seu esforço em busca do que é permanente e sobrevive ao furor das mudanças. E admirava o quanto ele insistia numa consciência regional, procurando desenvolver um pensamento e uma prática cosmopolita. Separado de um passado mítico e irrecuperável, esforçava-se por achar no presente um caminho para ele e seu mundo sertanejo (BRITO, 2008, p. 162).

A condição de mobilidade de Adonias, como o narrador viajante, sua condição de homem cosmopolita se não faz apagar o sertão que carrega “nos olhos, no sangue, nos cromossomas” (BRITO, 2008, p. 19), permite que ele se aproprie desse território simbólico-cultural e o maneje de forma móvel, colando imagens sem pretensões teleológicas, celebrando e questionando suas fronteiras móveis. O sertão para Adonias não é um território fixo, é mutante, cambiável. O que Salomão percebe como devastação e aniquilamento, Adonias observa com certo distanciamento e apatia. Salomão quer reter o tempo. Adonias quer escapar dessa moldura asfíxiante: “Culpava-me por ter abandonado o sertão [...]. Mas, aqui, todos estão de passagem ou de saída. É o que sinto agora” (BRITO, 2008, p. 72). Em outro momento, afirma: “Sou instável, vario ao sabor do Aracati, o vento que muda de lugar tudo que existe” (BRITO, 2008, p. 171).

Tampouco Adonias é o intelectual pós-moderno que finge ser quando desconfia da obsessão do tio em definir uma origem para a história do clã e, de forma mais ampla, de recompor “a gênese do sertão, quando as primeiras famílias chegaram ao planalto, tangendo rebanhos e brigando pela posse da terra” (BRITO, 2008, p. 108). Sua recusa em se tornar um “talibã sertanejo”, ocupado com genealogias familiares, é menos uma posição ideológica e política e muito mais uma escolha pela fabulação, pelas notas, por acreditar que só aí talvez se possa recriar alguma origem, delimitar regiões e territórios:

Os livros da biblioteca do avô Raimundo Caetano condenaram-me à divagação. Ouço, distraio-me, os cupins roem papéis e neurônios, uma página se estraga, uma lembrança se oculta, leio mais, as traças roem, roem, roem, salto buracos com nada escrito, invento pedaços de romances, escuto (BRITO, 2008, p. 39).

No conto “Cravinho” de *Livro dos homens* (2005), o professor de dramaturgia, Antonio Paulo, leva seus alunos para o interior a fim de que conheçam o reisado nordestino e a construção do personagem Mateus. Também ele, qual um arqueó-

logo,³ imagina poder recompor, para seus alunos, esta tradição teatral, a partir de resquícios de encenações ainda vigentes:

Durante quinze dias, lutou para que os seus alunos de dramaturgia compreendessem a construção daquele personagem extravagante, o Mateus dos brinquedos populares, semelhante ao Arlequim da comédia italiana (BRITO, 2005, p. 125).

Insistia ainda que o reisado nordestino fazia parte de um teatro de tradição universal: “É como o teatro japonês, chinês e o indiano. Só a nossa pobreza econômica nos faz diferentes” (BRITO, 2005, p. 125).

Tanto Antonio Paulo quanto Adonias têm cadernetas de notas, registram observações, impressões, recolhem, cacos e retalhos de histórias. Fabulam, dizem a realidade de outro modo. Além da semelhança entre as funções dessas personagens, é também análogo o cenário interiorano com que se deparam. Nenhuma fronteira a delimitar territórios e particularidades. Um sertão longínquo entrevistado do presente. Não mais o espaço que se opõe ao urbano como se guardasse alguma autenticidade de uma essência perdida, de um Brasil profundo, distante do litoral pos-tiço e cosmopolita ou engajado em lutas sociais.

Em *Galileia*, o discurso que diz o sertão também não cabe nas classificações anteriormente mencionadas. Um sertão que não é mais o mesmo e diz além de si, é palco não de realidades excludentes, mas daquelas que se interpenetram: “Os tempos eram outros. Homens e mulheres ocupavam-se dos mesmos afazeres, invertia-se a ordem patriarcal” (BRITO, 2008, p. 161).

Um sertão em que a prostituição é flagelo tanto quanto a seca, um sertão de moto-táxis, caminhonetas, celulares, *lan houses* e rebanhos que minguaram, um sertão de atravessamentos, como afirma Carla Érica Oliveira Ferreira (2012, p. 93):

Se a sobrevivência dos modos de vida tradicionais no Brasil contemporâneo faz do sertão um espaço heterogêneo, agônico, na medida em que cinde o solo pela estrada de asfalto e, também, os valores do homem que habita, simultaneamente, dois tempos distintos, *Galileia* põe em cena justamente a cisão, o hiato entre o passado que assombra o presente e o próprio presente, que não se reconhece sem esse tempo outro.

Tais análises literárias corroboram o painel crítico que Karl Erik Schøllhammer traça, em *Ficção brasileira contemporânea* (2011), para uma espécie de “novo regionalismo” na ficção brasileira contemporânea, identificando uma matriz fincada

³ Os personagens Antonio Paulo e Adonias, desempenham, em certo sentido, a função de recomposição das memórias coletivas e familiares. O primeiro, como professor e pesquisador; o segundo como fabulador, escritor de uma memória também imaginada e inventada.

no cenário regional presente na literatura brasileira desde o século XIX, em paralelo à preservação, na Geração 90, de uma tônica sobre a realidade urbana. Ao observar as alterações paradigmáticas do que seriam os traços do regional na prosa brasileira contemporânea, afirma: "... a questão regional abre mão do interesse pelos costumes, pela tradição e pelas características etnográficas para se tornar um palco de tensão entre campo e cidade, entre a herança rural e o futuro apocalíptico das grandes metrópoles" (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 78-79).

É, portanto, nesse "palco de tensão entre campo e cidade, entre a herança rural e o futuro apocalíptico das grandes metrópoles", agenciado, atualmente, pela literatura brasileira que reside a problemática deste ensaio e a constatação de que a ficção de Brito constrói uma possível interpretação da contemporaneidade a partir dos relatos do sertão.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRITO, Ronaldo Correia. *Retratos imorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- BRITO, Ronaldo Correia. *Galileia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- BRITO, Ronaldo Correia. *Livro dos homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- CERTEAU, M.; GIARD, L. L'ordinaire de la communication. *Réseaux*, Paris, v. 1, n. 3, p. 3-26, 1983.
- CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 145, p. 153-159, 1995.
- FERREIRA, Carla Érica Oliveira. *Anacronismo ou ressignificação: Galileia e o regionalismo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Recebido em 24 de agosto de 2018.

Aprovado em 19 de novembro de 2018.

Resumo/Abstract/Resumen

De couro e de plástico: relatos de um outro sertão

Analice de Oliveira Martins

Este artigo pretende demonstrar como a obra do escritor Ronaldo Correia de Brito tem colocado insistentemente em xeque as delicadas fronteiras entre sertão e cidade; localismo e cosmopolitismo; fixidez e mobilidade; tradição e modernidade. Nos contos de “Faca”, “Livro dos homens” e “Retratos imorais” ou no romance *Galileia*, os discursos sobre o sertão nordestino, ambiente privilegiado da ficção do autor, são tensionados ao limite, apontando quase sempre para temporalidades que ora se antagonizam, ora se superpõem. A análise desses confrontos se baseia, em especial, em questionamentos conceituais apontados por Antonio Candido (1987), Ligia Chiappini (1995) e Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) acerca das representações do sertão na prosa brasileira.

Palavras-chave: regionalismo, sertão, Ronaldo Correia de Brito.

Of leather and plastic: reports from another *Brazilian outback region* (sertão)

Analice de Oliveira Martins

This article intends to demonstrate how the work of writer Ronaldo Correia de Brito has insistently broken the delicate borders between the outback regions and the city; localism and cosmopolitanism; fixity and mobility; tradition and modernity. In his works *Knife*, *Book of Men*, *Immoral Portraits* and the novel *Galilean*, the discourses on the northeastern outback, a privileged environment in the author's fiction, are strained to the limit, almost always pointing to temporalities that sometimes either antagonize or overlap. The analysis of these confrontations is based especially on conceptual questions raised by Antonio Candido (1987), Ligia Chiappini (1995) and Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) regarding representations of the Brazilian outback region (Sertão) in Brazilian prose.

Keywords: regionalismo, Brazilian outback region (sertão), Ronaldo Correia de Brito.

De cuero y plástico: relatos de otro sertón

Analice de Oliveira Martins

Este artículo pretende demostrar cómo la obra del escritor Ronaldo Correia de Brito ha puesto insistentemente en jaque las delicadas fronteras entre el Sertón y la ciudad; el localismo y el cosmopolitismo; la fijación y la movilidad; la tradición

y la modernidad. En los cuentos “Faca”, “Libro de los hombres” y “Retratos inmorales” o en la novela *Galilea*, los discursos sobre el Sertón nordestino, ambiente privilegiado de la ficción del autor, son tensados al límite, apuntando casi siempre a temporalidades que ahora se contraponen o se superponen. El análisis de estos enfrentamientos se basa, especialmente, en cuestionamientos conceptuales apuntados por Antonio Candido (1987), Ligia Chiappini (1995) y Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), sobre las representaciones del Sertón en la prosa brasileña.

Palabras clave: regionalismo, sertón, Ronaldo Correa de Brito.